

E o lápis-relâmpago de Chico Xavier continua a deslizar, veloz, sobre o papel. E veio-nos mais este soneto inconfundível do poeta do "Eu":

Homem-verme

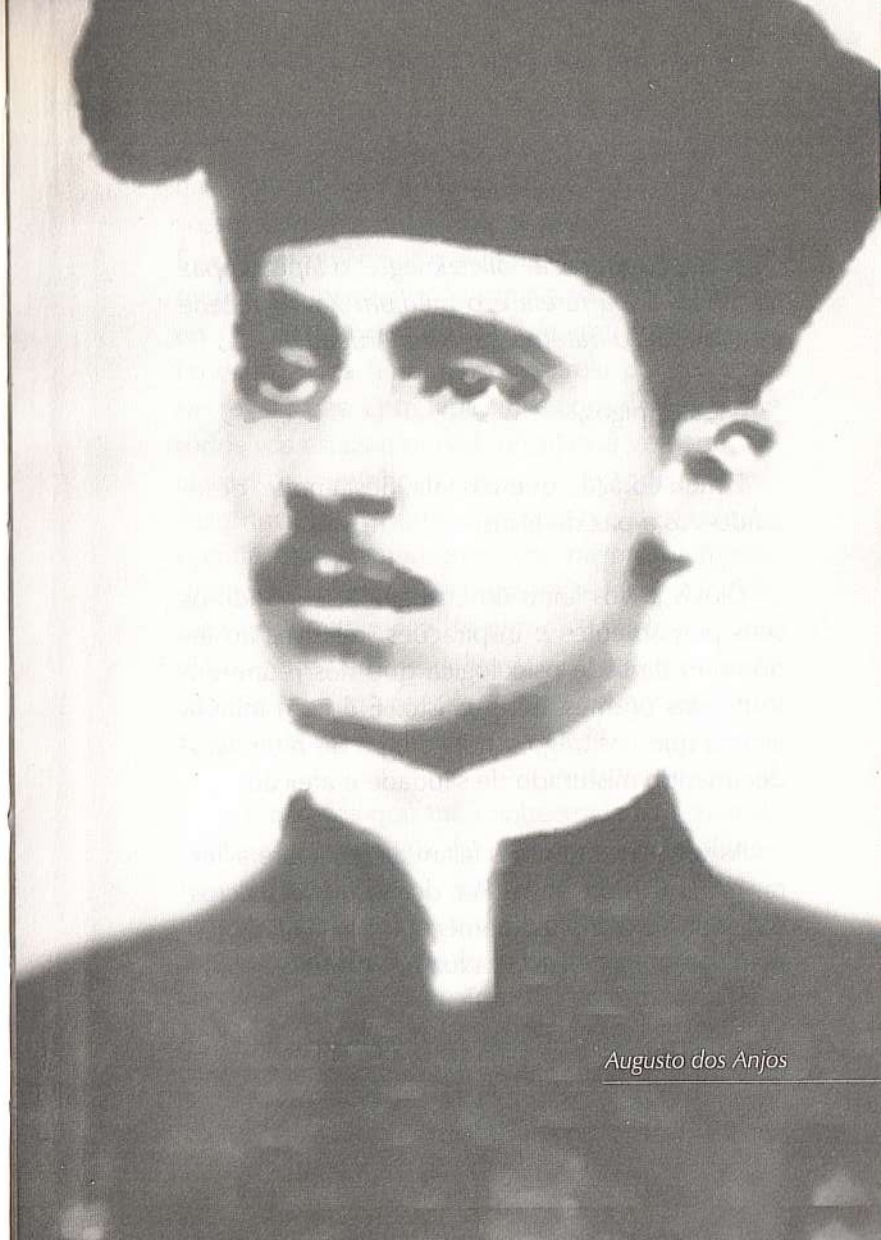
Desolação, terror e morticínio...
O homem sôfrego e bruto, de ânsia em ânsia,
Sofre agora a sinistra ressonância
De sua inclinação para o extermínio.

É o doloroso e trágico domínio
Do "homo homini lupus" da ignorância,
Exaltando a vaidade sem substância,
Ídolo podre sobre o esterquilínio.

Por toda a parte escorre o sangue horrível,
Ao crepitar de lívidos incêndios,
Sobre a ideia cristã, medrando em germe.

Em quase tudo, o pântano terrível
De lodo e lama, em sombra e vilipêndios,
Atestando as vitórias do homem-verme!

Augusto dos Anjos



Augusto dos Anjos